

UNA CANCIÓN, UNA LENGUA, MUCHAS VARIEDADES

Gabriela Adrião dos SANTOS

Heila Gomes de SALES

Orientadora: Profa. Dra. Maria Sílvia Rodrigues ALVES

Resumo: O objetivo deste trabalho é refletir sobre a variedade linguística considerada no ensino de língua espanhola no contexto brasileiro. Atentamos também para outra questão, como ensinar a língua espanhola, considerada tão variada em seus diversos aspectos. Para dar suporte a essa pesquisa recorreremos aos estudos da Sociolinguística de Labov (1972), Ronald Beline (2003), Alkmin (2004), Tarallo (1986), Bagno (2007), da linguística histórica Peter (2003), Lopes (2007), Marrone (2005), Vigueira (1999). Em um segundo momento, abordamos a temática do ensino de língua espanhola no Brasil e a variedade linguística. Analisamos uma música (*Qué difícil es hablarse español*) que retrata a questão da diversidade linguística da língua espanhola, na qual identificamos as palavras consideradas variantes e após o levantamento das ocorrências, confrontamos a música e a lista de palavras encontradas com o ensino e suas dificuldades, a fim de verificar o tipo de variação que ocorre. Analisamos os seus significados pelo dicionário e depois algumas variantes ocorrentes nos 21 países que possuem o espanhol como Língua Materna.

Palavras-chave: Língua espanhola. Variação linguística. Ensino. Aprendizes brasileiros.

Abstract: The aim of this term paper is to inquire a reflection about the linguistic variety that is considered in the teaching of Spanish on the Brazilian context. We attend to another question, how to teach Spanish, a language that is considered so varied in its various aspects. To give support to this research we consult to sociolinguistic studies of Labov (1972), Ronald Beline (2003), Alkmin (2004), Tarallo (1986), Bagno (2007), of the historical linguistic of Peter (2003), Lopes (2007), Marrone (2005), Vigueira (1999). In a second moment, we approach the topic of the teaching of Spanish in Brazil and the variety linguistic. We analyse a song (*Qué difícil es hablar el español*), that retract the linguist diversity question of the Spanish language, in wich we identify the words considered variants and after the incidents inventory, we expose the song and the list of words found with the teaching and its difficulties, in order to verify the kind of variation that happens. We review its meanings by the dictionary, and them some current variants in 21 countries that own the Spanish as mother tongue.

Keywords: Spanish language. Variation linguistic. Teaching. Brazilian student.

Resumen: El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre la variedad linguística considerada en la enseñanza de lengua española en contexto brasileño. Fijamonos también en otra cuestión, como enseñar la lengua española, considerada tan variada

en sus diversos aspectos. Para dar soporte a esa pesquisa recurrimos los estudios de la Sociolingüista por Labov (1972), Ronald Beline (2003), Alkmin (2004), Tarallo (1986), Bagno (2007), de la lingüística histórica por Peter (2003), Lopes (2007), Marrone (2005), Vigueira (1999). En un segundo momento, abordamos la temática de la enseñanza de lengua española en Brasil y la variedad lingüística. Analizamos una música (*Qué difícil es hablar el español*) que retrata la cuestión de la diversidad lingüística de la lengua española, en la cual identificamos las palabras consideradas variantes y después del levantamiento de las ocurrencias, confrontamos la música y el listado de palabras encontradas con la enseñanza y sus dificultades, a fin de verificar el tipo de variación que ocurre. Analizamos sus significados a través del diccionario y después algunas variantes ocurrentes en los 21 países que poseen el español como lengua materna.

Palabras-clave: Lengua española. Variación lingüística. Enseñanza. Aprendices brasileños.

1 Introdução

Conforme apontado por Fernández, Moreno (2000), a língua espanhola tem mais de 350 milhões de falantes¹ espalhados por mais de vinte países. Esse pode ser um dos fatos que suscita o aparecimento do fenômeno da variação lingüística. Tais manifestações ocorrem devido ao espaço geográfico, a classe social e ao contexto. Cada sociedade se particulariza pelas diferentes formas de falar e, por essa razão, a língua é inerente à diversidade.

Com o surgimento do Mercosul, na década de 90, o ensino da língua espanhola ganhou espaço no Brasil. Um outro evento que ocasionou um certo impulso no ensino do ELE em nosso país, foi a Lei 11. 161 de 5 de agosto de 2005, tornando obrigatória a oferta da língua espanhola em horário regular nos estabelecimentos de ensino públicos e privados. Nesse Sentido, podemos levantar as seguintes indagações: Esses marcos citados fomentaram realmente a expansão do espanhol no Brasil? Como é concebida a questão da diversidade lingüística? Essas são algumas questões que servirão de base para uma possível reflexão no que diz respeito ao ensino do espanhol no Brasil.

¹[...] puede afirmarse que el número de hablantes de español - Grupo de Lengua Materna española - es superior a los 350 millones. (FERNÁNDEZ , Moreno. 2000, p.17)

Tradução: pode se afirmar que o número de falantes de espanhol- Grupo de Língua Materna é superior aos 350 milhões.

O Brasil faz fronteira com sete países hispano falantes, chegaríamos a deduzir que, por conta da proximidade geográfica, os professores, as escolas, utilizariam em sala de aula a variedade rio-platense, mas na prática ocorre o predomínio da variedade peninsular (Espanha). Esse fato acontece devido às políticas de difusão linguística, pois, por um bom tempo os materiais didáticos utilizados no Brasil eram oriundos da Espanha. Há, ainda, suposições ideológicas e a crença de certo prestígio linguístico do espanhol peninsular.

Atualmente, a temática da variedade linguística do espanhol vem ganhando espaço. Inclusive, existem alguns materiais didáticos que abordam a diversidade, trazem alguns conteúdos em que há o contraste de duas ou mais variedades. Essas atividades não devem ser vistas como curiosidades, pois são aspectos importantes na aprendizagem de uma língua tão diversificada.

Nesse sentido, um dos nossos objetivos é conhecer e descobrir como se dá a diversidade linguística da língua espanhola e verificar a relação do seu ensino com os aprendizes brasileiros. Para isso utilizaremos suportes teóricos para fundamentar nossa pesquisa. Em um primeiro momento faremos a contextualização da Sociolinguística através dos estudos de Labov (1972), esse teórico aponta que a teoria sociolinguística tem a intenção de estudar a estrutura e evolução da língua em um contexto social em determinada comunidade. Assim como Ronald Beline (2003), Alkmin (2004) que também observam a questão das variações. Sabendo que as variedades linguísticas podem ser as diversas formas de falar uma mesma língua, Bagno (2007) salienta quais os fatores que ocasionam essas variedades e as classifica em: dialeto, socioleto, cronoletto e idioleto.

Analisando as mudanças que sucedem numa língua, sentimos a necessidade de fazer um percurso pela linguística histórica no primeiro capítulo desse trabalho. Embasamo-nos nas pesquisas de Peter (2003) e Pietroforte (2003), estudiosos que apuram a mudança e a transformação que ocorre na língua. Veremos também a vicissitude de uma língua pela perspectiva de Saussure, numa concepção diacrônica e sincrônica e, na sequência, sinalizaremos a origem do latim: derivação do português e do espanhol.

No capítulo dois, trataremos a temática do ensino de língua espanhola no Brasil e a variedade linguística, abordando a história do espanhol no Brasil; a formação dos professores; o processo de ensino; discutiremos qual (is) variedade (s)

linguística (s) da língua espanhola podemos usar. Outro ponto a ser pensado é sobre as políticas de difusão linguística e cultural. Baseamo-nos, para tanto, nos trabalhos de alguns estudiosos como: Kulikowski e González (1999), Silva e Castedo (2008), Moreno Fernández (2000), Irala (2004), entre outros.

No capítulo três, a metodologia, descrevemos o *corpus*, partindo, então para a análise da música *Qué difícil es hablarse español*, de Le Luthier's, na qual fizemos o levantamento dos termos considerados variedades linguísticas da língua espanhola. Foram dezessete ocorrências encontradas nessa apuração, resolvemos coloca-las em um quadro para observar com mais facilidade e visibilidade os fenômenos que ocorrem. Em seguida, tem-se a análise propriamente dita dos vocábulos encontrados, a fim de averiguar o tipo de fenômeno linguístico.

Esperamos, com este trabalho, refletir sobre a questão da variedade linguística na língua espanhola e contribuir para as linguísticas no âmbito brasileiro.

2 A sociolinguística

A Sociolinguística estuda os padrões do comportamento linguístico dentro de uma comunidade. Labov (1972), em seus estudos Sociolinguísticos sugere a teoria com o propósito de estudar a estrutura e evolução da língua em um contexto social em determinada comunidade, o que engloba a área da Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica.

Labov (1972) afirma que uma comunidade de fala é entendida como aquela que compartilha de normas, atitudes que se distinguem em relação a outros grupos. Desse modo, toda língua deve ser considerada como produto sociocultural. As variações, em grande parte, estão relacionadas à modalidade falada da língua, do mesmo modo como há diversidades de povos, culturas e regiões, existe, também, uma diversidade de idiomas e sotaques em todo o mundo.

É possível notar variações dentro de um mesmo país, pois não se limitam apenas a países diferentes. Até mesmo falantes de uma mesma língua utilizam modalidades distintas para expressar. Conforme Ronald Beline (2003, p. 1), essas variações estão presentes:

No léxico, na fonética, na morfologia e na sintaxe. Levando-se em conta o aspecto social, podemos observar que tais variantes ocorrem devido ao espaço geográfico, ou seja, local de origem do falante (variação diatópica), às classes sociais (variação diastrática) e relacionadas ao contexto no qual o falante se encontra num dado momento e a maneira que ele deve adequar seu discurso (variação diafásica).

De acordo com Alkmin (2004), ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de “variedades linguísticas”. O conjunto de variantes linguísticas usado por uma comunidade é chamado “repertório verbal” ou “repertório linguístico.” Podemos constatar ainda, a partir da leitura de Alkmin (2004, p. 32); “que língua e variação são inseparáveis. Porém, ao contrário de outras ciências da linguagem, a sociolinguística encara a diversidade não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico”.

Segundo Tarallo (1986, p. 8), variantes e variável linguística, podem ser definidas como:

Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística.

Sobretudo, as variações representam determinada região ou lugar, de certo modo, criam identidades as quais influenciam uma comunidade de falantes.

2.1 Vertentes da Sociolinguística

O estudo sociolinguístico pode ser analisado através de duas linhas: a Interacional e a Variacionista.

Sociolinguística Interacional - apresentada por Dell Hymes (1927), procura estudar “o uso da língua na interação social face a face” (SOUSA, 2005, p. 157), busca analisar o modo de agir do falante no momento da interação e, isto depende de vários fatores, como: com quem se fala, sobre o que se fala, o local da conversa e a circunstância do momento da fala.

Sociolinguística Variacionista – introduzida em nosso meio por William Labov (1927), que designa de Variacionista a vertente que busca analisar os fatores linguísticos em um contexto social, ou seja, leva em consideração fatores como a idade, o sexo, o nível social, a origem étnica, etc. Ele afirma que essas características do locutor (falante) e do interlocutor (ouvinte) podem influenciar no modo como o indivíduo usará seu repertório ao se comunicar.

2.2 Classificação das variedades linguísticas

Sabendo que as variedades linguísticas são os diferentes modos de falar em uma língua, Bagno (2007) as caracteriza em dialeto, socioleto, cronoletto e idioleto.

2.3 Linguística histórica

O conhecimento de várias línguas desperta, no século XIX, a curiosidade por um estudo comparativo das línguas, no qual, fica claro que elas se transformam, sofrem mudanças com o tempo. Começamos citando Peter (2003, p.12), que, em seus estudos aponta como se deu o progresso na investigação histórica das línguas, vejamos:

Franz Bopp é o estudioso que se destaca nessa época. A publicação, em 1816, de sua obra sobre o sistema de conjugação do sânscrito, comparando ao grego, ao latim, ao persa e ao germânico é considerada o marco do surgimento da Linguística Histórica. A descoberta de semelhanças entre essas línguas e grande parte das línguas europeias vai evidenciar que existe entre elas uma relação de *parentesco*, que elas constituem, portanto, uma *família*, a *indo-europeia*, cujos membros têm origem comum, o *indo-europeu*, ao qual se pode chegar por meio do método histórico-comparativo.

Baseando ainda nos estudos de Margarida Peter, a autora salienta que os estudiosos daquele momento compreenderam melhor as mudanças que eram observadas nos textos escritos de diversos períodos. A autora apresenta, como exemplo, a transformação do latim, que, depois de alguns séculos, originou o português, espanhol, italiano e francês. Essas mudanças teriam sucedido na língua falada, na oralidade. A partir do século XX com a divulgação dos trabalhos de

Ferdinand Saussure, vemos que pesquisas voltadas para a área de linguística começam a ser encaradas como estudo científico.

A Linguística histórica estuda a mudança de uma língua, essa mudança está relacionada à evolução. Podemos observar, entretanto, que numa língua há mudanças fonéticas, lexicais, semânticas, morfológicas. As mudanças fonéticas são perceptíveis, obtemos a seguinte percepção sobre a mudança fonética, em Lopes (2007, p.2):

O princípio da regularidade da mudança fonética leva em conta que o som varia com regularidade 1) quando não variam os seus condicionamentos fonéticos, 2) ocorre num período de tempo determinado e numa mesma região e 3) se nenhum fator de outra natureza interferir (condicionamento semântico ou outra norma dialetal).

As variações não ficam apenas restritas às mudanças fonéticas, deste modo apontaremos a seguir em termos linguísticos e com base na análise contrastiva, os outros níveis de variação que temos presente numa língua: léxico, morfológico, gráfico-ortográfico, e fonético-fonológico². Tais fenômenos se referem ao contraste português e espanhol.

Nível Léxico- as falsas semelhanças lexicais podem levar o falante brasileiro a cometer equívocos, desde uma pequena interferência no ato da comunicação, como também podem ocasionar uma mudança de sentido no que foi dito e no que realmente se pretendia dizer. Nesse nível podemos destacar alguns aspectos divergentes entre as duas línguas que levam o aprendiz a cometer erros lexicais. Essas divergências apresentam as seguintes nomenclaturas: palavras heterofônicas, heterossemânticas e heterogenéricas.

O nível fonético compartilha entre as duas línguas, palavras com as mesmas formas gráficas e/ou fônicas e o mesmo significado. Um exemplo de dificuldade para o brasileiro, aprendiz de espanhol, está na diferença que existe entre essas palavras no que se refere à tonicidade, pois o acento tônico muda de posição. Vejamos os exemplos a seguir que nos ajudarão a compreender as diferenças tônicas entre a língua portuguesa e a língua espanhola:

PORTUGUÊS

ESPAÑHOL

² Os níveis aqui apontados se referem ao trabalho de ANDRADE NETA (2000).

Academia

Burocracia

Fobia

Nível

Oxigênio

Academia

Burocracia

Fobia

Nivel

Oxígeno

Podemos observar nos exemplos apresentados, como a posição do acento tônico influencia nas regras de acentuação existentes entre o português e o espanhol.

As palavras heterogenéricas são, por vez, parecidas ou idênticas em relação à forma gráfica e de significado, ou seja, são vocabulários que mudam de gênero de um idioma a outro. Por exemplo, a palavra *nariz* tem a mesma construção gráfica nas duas línguas, tem o mesmo significado e apresenta uma semelhança na pronúncia, porém o gênero muda; em português é um substantivo de gênero masculino enquanto no espanhol é uma palavra de gênero feminino.

PORTUGUÊS

A cor

A dor

O alarme

O sal

O nariz

ESPAÑHOL

El color

El dolor

La alarma

La sal

La nariz

Estes vocabulários que denominamos de heterogenéricos, não causam tanta interferência na comunicação.

Nível semântico – nesse grupo temos os diferentes sentidos existentes numa palavra, mais precisamente, os significados que pode ter uma palavra no português e no espanhol. Também conhecido como os falsos amigos, bastantes presentes nas duas línguas e podem provocar interferência na comunicação, essas palavras têm em comum ou semelhante às formas gráficas e fônicas, mas o seus respectivos significados são totalmente ou parcialmente distintos. São vocabulários que existem em abundancia nas duas línguas, e devido a isso, faremos breve levantamento de algumas palavras:

PORTUGUÊS

Embaraçada

Apelido

Cachorros

Rato

ESPAÑHOL

Embarazada (grávida)

Apellido (sobrenome)

Cachorros (filhotes)

Rato (momento)

No entanto, devemos nos atentar que as palavras que possuem diferenças semânticas, podem ter formas semelhantes com significado distinto; formas equivalentes com mais de um significado parecido ou distintos. Abordamos de forma geral e sucinta alguns níveis de variação que existem no momento em que o brasileiro está aprendendo a língua espanhola, apresentando algumas diferenças existentes.

2.4 Sincronia e diacronia pela perspectiva de Saussure

Para entender como se dão as mudanças, transformação de uma língua, precisamos antes de qualquer coisa fazer um breve estudo sobre os trabalhos de Saussure que foi um dos teóricos mais importantes daquela época, pois contribuiu para os avanços da linguística histórica e comparativa. “Chama-se comparativa, porque sua metodologia de trabalho está baseada na comparação entre fenômenos linguísticos que se realizam em línguas distintas.” (PIETROFORTE, 2003, p. 78). Analisando algumas línguas contemporâneas, percebemos, por exemplo, semelhanças entre vocabulários do português com o espanhol, que Saussure chama de semelhanças sistemáticas. Vemos no exemplo a seguir como pode se dar essa semelhança nas seguintes palavras:

Manus (latim)

Mão (português)

Mano (espanhol)

Sabendo que assim como o italiano e o francês, o português e o espanhol também se originaram do latim, “língua mãe”, a partir dessa informação

chegamos a deduzir, que através da investigação comparativa, é possível constatar como uma língua pode mudar com o passar do tempo, podendo originar outras línguas. A esse tipo de estudo que observa as mudanças que ocorrem nas línguas através do tempo, Saussure denominou de linguística diacrônica.

O teórico aponta também outro ponto de vista, a sincrônica. O Estruturalismo de Ferdinand Saussure contrapõe o historicismo vigente na época. Tem-se então, a atenção voltada para o estudo sincrônico ao invés do diacrônico. Segundo Saussure, os fatos sincrônicos apresentam princípios de regularidades, são de natureza sistemática, gerais, mas não tem um status de imperatividade, já que podem ser modificados em uma mudança de língua. Em outras palavras, essa suposta regularidade pode ser modificada na diacronia. Saussure nos leva a pensar que a diacronia é a sucessão da sincronia.

Ao observar uma língua, podemos verificar dois fenômenos, um que está relacionado a uma situação momentânea, ou seja, em um respectivo tempo, único momento. Outro fenômeno está relacionado com aspectos que apresentam uma determinada duração entre dois tempos.

No século XX, Saussure propõe a distinção dos fatos sincrônicos e diacrônicos. Diacronia, do grego *dia* “através” e *chrónos* “tempo”, significa, “através do tempo”, e sincronia, do grego *syn* “junto” e *chrónos* “tempo”, ou seja, “ao mesmo tempo”. Portanto os termos diacronia e sincronia tem a seguinte perspectiva: o primeiro pode ser visto através do tempo, ou seja, a partir de uma evolução, o segundo está em consonância com o estudo da linha do tempo, as realidades podem ser vistas a partir da observação de um ângulo de um dado momento estático. Encontramos a seguinte concepção dos fenômenos diacrônicos e sincrônicos em Chagas (2003, p.148):

Saussure estabeleceu uma distinção bastante rígida entre os fatos sincrônicos e os fatos diacrônicos. É o que verificamos na seguinte citação do Curso de Linguística geral (p. 96 da edição brasileira): "É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo o que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução".

Feita a distinção desses dois conceitos, Saussure define para o estudo da linguística um novo objeto, vejamos a seguir à descrição desse objeto em Pietroforte (2003, p. 79):

Fazendo essa distinção entre dois pontos de vista diferentes de olhar para o mesmo fenômeno, Saussure define um novo objeto de estudo para a Linguística. Contrariamente ao estudo da mudança lingüística, o ponto de vista sincrônico vê a língua como um sistema em que um elemento se define pelos demais elementos. No estudo sincrônico, um determinado estado de uma língua é isolado de suas mudanças através do tempo e passa a ser estudado como um sistema de elementos lingüísticos. Esses elementos são estudados não mais em suas mudanças históricas, mas nas relações que eles contraem, ao mesmo tempo, uns com os outros.

A partir dessa dicotomia – sincronia e diacronia, Saussure postula que a língua opõe-se a fala, pois a língua tem caráter coletivo, portanto social e a fala é particular e individual, “Pessoas que falam a mesma *língua* conseguem comunicar-se porque, apesar das diferentes *falas*, há uso da mesma *língua*”. (PIETROFORTE, 2003, p.81). Baseado na dicotomia língua x fala, abordaremos a seguir as variações linguísticas, ou seja, a língua falada.

2.5 A origem do latim: derivação do português e do espanhol

O latim se deriva de línguas arcaicas faladas em Roma e no Lácio. A partir do século III a. C. o Latim foi pouco a pouco consolidando suas estruturas linguísticas, ou seja, consolidou-se gramaticalmente. No século I a. C., teve seu grande apogeu na prosa graças aos escritos de César e Cícero; e com Horácio e Virgílio na poesia. Nesse período tínhamos o latim clássico que era uma língua caracterizada pelo estilo elegante, vocabulário mais requintado.

Gradativamente houve o distanciamento da Língua Literária, e começaram a manifestar uma língua mais coloquial, falada pelas classes baixas, originando o latim vulgar. Essa mudança está ocasionada devido a diversos fatores, o apogeu do Império Romano e as guerras de conquistas levaram o latim popular, para outras regiões, a partir desse contato com outros povos, outros idiomas, cultura, surgiram às línguas neolatinas. Marrone (2005, p.16) ressalta outro ponto:

Enquanto o latim clássico tornava-se uma língua morta, o latim vulgar se desenvolvia em diferentes línguas tornando-se o lastro primitivo do português e do espanhol.

Como Roma era o núcleo da cultura do império até o século V d.c., o latim manteve-se unificado por um tempo; não obstante, com a invasão dos germanos e árabes, perde a unidade nacional e, em cada região, passou a ter diferente desenvolvimento: aparecem os romances – modificações regionais do latim – dos quais saíram diretamente as línguas românicas.

Enquanto o latim passava por transformações, houve algumas mudanças em relação aos aspectos semântico, sintático, morfológico e fonético o que desempenhou um grande papel nas questões das divergências entre os léxicos, principalmente no léxico das línguas. Essa distinção se dá através do espaço e do tempo, pois as regiões conquistadas pelo império romano se deram em épocas diferentes. Em consequência disso, essas regiões receberam, em distintas circunstâncias, o sistema linguístico do latim. “... o latim teve de acomodar-se a antigos hábitos de pronúncia dos povos que o adotaram e muitas vezes esses hábitos eram diferentes de região para outra” (MARRONE, 2005, p.17). Pelos diversos hábitos, podemos deduzir que o aparelho fonador era diferente de uma região para outra, em consequência disso, esperava-se que fosse difícil a reprodução de sons desconhecidos, ocasionando uma má percepção desses sons e, ao tentar reproduzir oralmente ou por escrito, o sujeito acabava modificando, ou melhor, transformando-os inconscientemente.

O espanhol está inserido no grupo das línguas *românicas*, resultado das mudanças ocasionadas no latim vulgar levado a Península Ibérica, segundo estudos, após os romanos terem se implantado de vez na Península Ibérica, oficializaram o latim, sendo a partir de então idioma utilizado para as transações comerciais. Mas, essa língua não se uniformizou de imediato na região Peninsular, foi pouco a pouco ganhando espaço e fazendo desaparecer as línguas nativas, no entanto ficaram vestígios de algumas palavras.

A invasão dos bárbaros, na Península Ibérica, no século V, além de provocar a dissociação do império romano, promoveu a variação do latim falado. Logo após, houve a invasão dos árabes, mas mesmo assim a língua latina continuou a ser falada.

Através do latim vulgar surgiram às línguas neolatinas que eram uma variedade usada pelas pessoas, para comunicação cotidiana e, como já referido anteriormente, foram levadas pelos soldados do império romano às regiões

conquistadas. O idioma foi vítima de influências dos locais por onde se alastrou, originando outros dialetos, que por vez, ocasionou o desenvolvimento ao da língua espanhola, portuguesa, italiana e francesa.

A partir dessa breve exposição histórica, nosso trabalho apontará a seguir, a estrutura do sistema fonológico do latim clássico e vulgar.

O sistema fonológico vocálico do latim clássico contava com dez vogais - cinco largas e cinco breves:

/ă/ /ĕ/ /ĭ/ /ŏ/ /ŭ/

/ā/ /ē/ /ī/ /ō/ /ū/

Já o sistema consonantal era composto por quatro subsistemas:

Consoante nasal tinham quatro fonemas: */m/ /n/ /mm/ /nn/*.

Consoante líquida tinha também quatro fonemas: */l/ /r/ /ll/ /rr/*.

Consoante semivogal: era formado por apenas dois fonemas: */y/ /j/*,

Vigueira (1999, p.12) aponta que “Éste es tema debatido, pues no todos investigadores están de acuerdo en si eran auténticos fonemas o meros alófonos de las vocales /i/ /u/...”³

Orais que não são líquidas: este subsistema contava com apenas três zonas articulatórias.

- Labiais: */p/* oclusiva surda
/b/ oclusiva sonora
/f/ fricativa surda
- Dentais: */t/* oclusiva surda
/d/ oclusiva sonora
/s/ fricativa surda
- velais: */k/* oclusiva surda

³ Tradução do espanhol para o português:

Este é um tema debatido, pois nem todos os pesquisadores estão de acordo se eram autênticos fonemas ou alofones das vogais /i/ /u/...

Tendo apresentado como era formada a estrutura vocálica e consonantal do latim, percebemos o quanto era equilibrado esse sistema. Vemos, também, as mudanças que se deram por conta de diversos fatores, por exemplo, as guerras de conquistas, ocasionando o surgimento do latim vulgar.

O latim falado produziu uma série de mudanças na estrutura linguísticas, em níveis fonéticos, morfossintáticos e léxicos. O desaparecimento da quantidade vocálica e o aparecimento das consoantes palatais é um dos fenômenos que encontramos nos estudos de Viguera (1999, p.13):

Uno de los fenómenos más importantes del latín hablado fue la pérdida del valor fonológico de la cantidad – larga/breve - en las vocales. La cantidad fue sustituida por el timbre. [...] ⁴

Tanto o português quanto o espanhol receberam o sistema vocálico do latim vulgar. Percebemos que a evolução do latim, está relacionada com eventos históricos, sujeita a influências locais, regionais, culturais, sociais.

O espanhol é uma das línguas mais disseminadas no mundo, com mais de 350 milhões de falantes, distribuídos em 21 países. A maioria dos falantes não estão alojados na Europa, e sim, na América. Baseado nesses dados, vemos que a tendência é a constatação das variedades linguísticas. No próximo capítulo abordaremos a questão do ensino do espanhol para brasileiros em consonância com as variedades linguísticas. E claro, não podendo deixar de falar em como se deu a expansão da língua espanhola no Brasil. Portanto, instigamos a nos acompanhar e refletir sobre o tema.

3 O ensino de língua espanhola no Brasil e a variedade linguística

3.1 História da implantação do espanhol no Brasil

⁴ Fragmento traduzido:

Um dos fenômenos mais importantes do latim falado foi à perda do valor fonológico de quantidade – larga/breve – nas vogais. A quantidade foi substituída pelo timbre.

O espanhol é uma das línguas que têm sido mais estudadas atualmente, tem o segundo maior número de falantes nativos e o segundo idioma de comunicação internacional. Ademais é língua oficial na ONU, e em outras organizações, como o Mercosul.

A implantação de um bloco econômico no hemisfério sul torna-se concretizada inicialmente com O Tratado de Assunção, um acordo assinado entre Brasil, Uruguai, Paraguai e Argentina, criado em 26 de março de 1991 que consolidou e estabeleceu de vez a criação do Mercosul (Mercado Comum do Sul).

O MERCOSUL é um bloco econômico em que os países como Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela se uniram para ajudar uns aos outros a ganharem um rendimento extra. A principal renda desse bloco são as importações e exportações, possibilitando a livre circulação de bens, de serviços, pessoas, reduzindo ou excluindo, portanto, as tarifas alfandegárias. Temos também os seguintes países associados: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Chile.

Desse modo, a inserção do MERCOSUL possibilitou de vez a expansão do ensino do espanhol como língua estrangeira em nosso país. A lei nº 11 161, de 5 de agosto de 2005 também entra como responsável pelo fortalecimento da língua no Brasil, já que, de certa forma, legitima a obrigatoriedade do ensino do espanhol nas escolas privadas e públicas, vejamos os sete artigos da lei nº 11 161:

Art. 1º O ensino da língua espanhola, de oferta obrigatória pela escola e de matrícula facultativa para o aluno, será implantado, gradativamente, nos currículos plenos do ensino médio.

§ 1º O processo de implantação deverá estar concluído no prazo de cinco anos, a partir da implantação desta Lei.

§ 2º É facultada a inclusão da língua espanhola nos currículos plenos do ensino fundamental de 5ª a 8ª séries.

Art. 2º A oferta da língua espanhola pelas redes públicas de ensino deverá ser feita no horário regular de aula dos alunos.

Art. 3º Os sistemas públicos de ensino implantarão Centros de Ensino de Língua Estrangeira, cuja programação incluirá, necessariamente, a oferta de língua espanhola.

Art. 4º A rede privada poderá tornar disponível esta oferta por meio de diferentes estratégias que incluam desde aulas convencionais no horário normal dos alunos até a matrícula em cursos e Centro de Estudos de Língua Moderna.

Art. 5º Os Conselhos Estaduais de Educação e do Distrito Federal emitirão as normas necessárias à execução desta Lei, de acordo com as condições e peculiaridades de cada unidade federada.

Art. 6º A União, no âmbito da política nacional de educação, estimulará e apoiará os sistemas estaduais e do Distrito Federal na execução desta Lei.

Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

A lei foi assinada em 2005 e foi estabelecida até o ano de 2010, para que as escolas inserissem o espanhol como língua estrangeira obrigatória. Infelizmente nem todas as escolas adotaram essa orientação, inclusive nos dias de hoje em que o espanhol ainda não é obrigatório para o Ensino Médio.

3.2 A formação dos professores e o ensino do espanhol para alunos brasileiros

Nas *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, conhecimento de espanhol* são levantadas discussões sobre elementos essenciais para a prática docente no ensino médio deixando a critério do professor decidir como atuar, dentro da diversidade sociológica e da realidade brasileira

O documento não impõe ou faz a reflexão de qual variedade da língua espanhola deve ser utilizada dentro de um contexto acadêmico. Nesse caso, essa questão de variedade a ser usada e ensinada aos alunos fica a critério do professor.

A concepção do espanhol como língua homogênea, segundo Kulikowski (p.48) “comenzó a hacergrietas, sobre todo cuandollegaron a Brasil inmigrantes, exiliados, y algunosprofesores de diversos países latinoamericanos[...]”⁵, cada um trazia consigo, sua cultura, costume, história e principalmente a sua variedade de espanhol. Algumas instituições de ensino de idioma começaram a contratar nativos. A partir dessa expansão, surge o ensino do espanhol nas escolas públicas e privadas e, em consequência, a demanda por professores e materiais didáticos, ganha destaque nesse mercado. Aparecem também as Associações de professores de espanhol em quase todo território brasileiro. Kulikowski e González (1999 p.11) apontam outro acontecimento – o reconhecimento da heterogeneidade da língua espanhola e a valorização do espanhol rio-platense. Outro fenômeno que as autoras destacam é o espaço formador, vejamos isso no seguinte fragmento do seu ensaio: Kulikowski e González (1999, p.12):

Una primera consecuencia de estos acontecimientos fue la de convertir a la Universidad de São Paulo, al menos en esta región de Brasil, en uno de los primeros y principales proveedores de profesionales para atender a esa

⁵ Tradução: começou a repercutir, quando chegaram ao Brasil, imigrantes, exilados e alguns professores de diversos países latino-americanos [...].

demanda creada a partir del Mercosur. O sea, le cabe la tarea de preparar y formar – y también entrenar, por menos que nos guste el término – profesores de español que son inmediatamente absorbidos por ese mercado ávido que, es oportuno decirlo, en esa situación de emergencia acepta también hablantes nativos sin formación específica, estudiantes y hasta principiantes con una formación precaria⁶.

Discutindo ainda sobre a questão da formação e o ensino da língua espanhola para alunos brasileiros, SILVA e CASTEDO (2008, p.68), acrescentam a seguinte informação:

Com a falta de profissionais especializados nessa área de conhecimento por se tratar de uma novidade curricular, o governo brasileiro encontrou como solução para atender a essa demanda de alunos a abertura de cursos superiores para formação de professores de espanhol e especializações para os docentes efetivos da rede pública, que devem concretizar tal exigência até agosto de 2010, ano em que a mão de obra deverá estar mais qualificada.

3.3 O processo de ensino – aprendizagem do espanhol

Pensando no processo de ensino - aprendizagem do espanhol, num primeiro instante o aprendiz brasileiro vê uma facilidade na hora de aprender a língua, pelo fato de ser mais próxima do português e de ter vindo do latim. Ao deter um olhar mais atento a essa questão podemos observar que a suposta facilidade tem a ver com as semelhanças presentes nas duas línguas, mas isso não poupa o aluno das dificuldades de aprendizagem ao se deparar com as diferenças existentes, o estudante ver o quanto pode ser distinto o português do espanhol.

É muito importante que o aluno passe, a saber, sobre a variedade linguística do Espanhol, e para que isso aconteça seria necessário à apresentação dessa diversidade. Mas, quais as ferramentas e estratégias que o professor pode utilizar? Será que os professores têm ou teve alguma orientação em como ensinar o espanhol mediante a sua variedade? Será que existe apenas uma ou duas

⁶ Fragmento traduzido:

Uma primeira consequência de esses acontecimentos foia conversão da Universidade de São Paulo, pelo menos em esta região do Brasil, um dos primeiros e principais provedores de profissionais para atender a essa demanda criada a partir do Mercosul. Ou seja, lhe cabe à tarefa de preparar, formar – e também treinar, por mais que não gostamos do término – professores de espanhol que são imediatamente absorbidos por esse mercado ávido que, é oportuno dizer, em essa situação de emergência aceita também falantes nativos sem formação específica, estudantes até principiantes com uma formação precária.

modalidade da língua espanhola no ensino? Esses questionamentos servem de base e reflexão, e será um dos pontos que analisaremos. Moreno Fernández (2000, p.23) faz alguns levantamentos sobre a formação do professor:

El profesor de español como lengua segunda o extranjera debe tener una formación básica – y disponer de una información adecuada – sobre la realidad dialectal de la lengua que enseña. Más concretamente, es importante que conozca los caracteres fundamentales de las variedades de Europa y de América, por ser las mayoritarias y las más extensas.⁷

Coan e Pontes (2013), também fazem algumas considerações que servirão para abordagem da temática deste trabalho.

Para Bortoni-Ricardo (2005 *apud* COAN E PONTES, 2013, p.187):

a variação linguística cumpre duas funções: a) ampliar a eficácia da comunicação; b) marcar a identidade do falante. Portanto, a partir da variação, o professor apresenta aos seus alunos a realidade linguística dos usuários nativos do Espanhol.

3.4 Qual (is) variedade (s) linguística (s) do espanhol o professor pode e deve usar?

A modalidade de Espanhol que o professor utiliza dentro da sala de aula pode estar ligada a uma questão de onde procedeu a língua. Irala (2004) aponta que, segundo as investigações de Bugel (1998), sobre a variedade de Espanhol ensinada em São Paulo, alguns professores sentem a necessidade de haver uma suposta “língua padrão”, nesse caso, o castelhano, mas sabemos que o castelhano não é uma língua “padronizada” por toda a Espanha, onde já existem outras particularidades de Espanhol, como o Basco, Catalão e o Galego, nesse caso, por que não aceitar o espanhol falado na América?

Talvez essa preferência pelo espanhol da Espanha tenha a ver com questões de ordem econômica, geográfica, social, política, cultural e até mesmo temporal. Dessas questões apontadas as que nos interessam são de ordem social e geográfica. Pois o espanhol aborda variedades de geolinguísticas e sociolinguística.

⁷ O professor de espanhol como língua segunda ou estrangeira deve ter uma formação básica – e dispor de uma informação adequada – sobre a realidade dialectal da língua que ensina. Mais concretamente, é importante que conheça as características fundamentais das variedades de Europa e América, por serem as maioritárias e mais extensas.

Até qual ponto podemos levantar afirmações de que a variedade falada na Espanha é tida como mais “prestigiada” em relação ao ensino de Espanhol para Brasileiros? Pode esta variedade ser sinônimo de “pureza” ou há o pensamento da importação da cultura europeia? Não estamos indo contra o modelo de cultura europeia, o que pretendemos é discutir as questões políticas, culturais e sociais num contexto de ensino – aprendizagem.

Irala (2004) fez uma coleta de dados com professores e alunos de curso superior de licenciatura em Letras – Português/Espanhol numa cidade no interior do Rio Grande do Sul, que faz fronteira com Uruguai. Nessa pesquisa havia uma questão que abordava a variedade do espanhol em níveis geográficos, ou seja, o “espanhol da América” e o “espanhol da Espanha”, a partir desse ponto procurava-se identificar as preferências das diversidades da língua a fim de justificá-las. Vejamos agora algumas respostas dos entrevistados (IRALA, 2004, p.109 - 110):

- 1) Espanhol da Espanha, porque é uma *língua melhor* de ser trabalhada com o aluno.
- 2) Prefiro o Espanhol da Espanha - acho mais claro e *muito mais bonito*.
- 3) Da Espanha, porque é mais *clássico*.
- 4) Prefiro o Espanhol da Espanha, porque é o mais *puro*, pois é a *língua-mãe*. O Espanhol da América já teve muitas influências de outros povos e costumes.
- 5) Da Espanha, porque além de ter aprendido assim, penso que é *mais sonoro*.
- 6) Nos *livros didáticos* vem o Espanhol da Espanha, mas vivendo nós na fronteira com o Uruguai, não podemos ignorar este fato. Devemos apresentar aos nossos alunos as pronúncias dos *dois idiomas* e principalmente os modismos.
- 7) Da Espanha. Porque é o *único* que aprendi até agora.
- 8) Para trabalhar com as crianças, o da América, porque faz parte da *realidade* deles.

Apesar da heterogeneidade da língua espanhola, podemos perceber que ela apresenta um traço comum - sua estrutura é particularmente igual, o que permite a comunicação dos falantes do espanhol, mesmo sabendo das diversidades linguísticas. Ao falar das variações do espanhol em níveis geográficos, costuma concedê-lo como “espanhol da Espanha” e “espanhol da América”, termos que consideramos generalizantes e redutivos, pois o espanhol falado na Espanha têm as suas manifestações, e não são todos os países da América que tem o espanhol como língua oficial, por exemplo, Brasil, Guiana Francesa e Suriname. (IRALA, 2004)

Uma exemplificação curiosa feita por Moreno Fernández (2000) diz respeito ao âmbito da informática, a ferramenta *Office* permite selecionar “diversos ‹‹tipos de español››. En estos casos, sin embargo, siempre se utiliza la misma etiqueta (*Español*) acompañada, entre paréntesis, por el nombre del país hispánico: ‹‹Español (Guatemala)››” (FERNÁNDEZ; MORENO, 2000, p.19)⁸.

Há de se notar que ainda prevalece certa estipulação da variedade peninsular⁹ nas instituições de ensino em nosso país, talvez pela situação socioeconômica da Espanha, além das questões históricas de colonização. Espanha tem uma política de propagação do espanhol peninsular pelo mundo, um exemplo desse feito, é a instalação do Instituto Cervantes no Brasil, ao todo são oito centros. Estas instituições oferecem alguns cursos, um deles é o de formação de docentes de língua espanhola. A América não possui uma política precisa de difusão das suas variedades, “salvo algumas iniciativas isoladas de algumas universidades, mas com raro respaldo do mercado editorial para a sua difusão.” (IRALA. 2004 p.117).

3.5 Políticas de difusão linguístico-cultural do espanhol

Outro ponto a ser pensado, é sobre a publicação de materiais didáticos para o ensino de língua espanhola no Brasil. Grande parte desses é originária da Espanha, isso se deve a dois fatos apontados nos estudos de Camargo (2004, p. 143):

Por um lado, à ausência de uma política clara e eficiente de difusão linguístico-cultural entre os países que compõem o Mercosul o que, conseqüentemente, também implicou na ausência de uma política de publicação e distribuição de materiais didáticos pertinentes para o ensino do espanhol falado e escrito na região. Por outro lado, à existência destas mesmas políticas na Espanha, políticas estas que se materializam quando este país criou, concomitante ao Mercosul, o Instituto Cervantes com o objetivo precípua de divulgar a língua e a cultura espanhola pelo mundo.

Já que um dos grandes impulsos para a consolidação do ensino da língua espanhola no Brasil foi por conta do Mercosul e, o contato com o “vizinho”, pensaríamos, dessa forma, que a variedade linguística e os materiais a serem

⁸“elegir diversos ‹‹tipos de español››. Nestes casos, porém, sempre se utiliza a mesma expressão (*Español*) acompañada, entre parêntesis, pelo nome do país hispánico: ‹‹Espanhol (Guatemala) ››.”

⁹Espanhol falado na Espanha.

utilizados em sala de aula, logicamente seriam oriundos dos Latino-americanos. Porém, o que de fato, ocorreu ou ocorre é, ainda, a predominância do espanhol da Espanha e dos materiais didáticos. No âmbito linguístico não houve uma interação total com os países vizinhos.

Ensinar espanhol não é simplesmente falar fluentemente a língua, chegar na sala de aula e trabalhar com a gramática. O ensino de uma língua estrangeira vai além dos conteúdos gramáticos, se não a língua fica desprovida do seu caráter social e cultural. Nesse sentido, é necessário que o professor apresente ao aluno a história e cultura das regiões onde é falada a língua. A partir dessa ideia, o professor já tem um caminho traçado para apresentar as variações linguísticas, deixando claro a seus alunos que não existe variante inferior ou menos privilegiada. Destacando que não há um modelo linguístico “padrão”, “puro” e único.

Havendo refletido um pouco sobre as questões das variedades linguísticas presentes na língua espanhola, concluimos que para que haja uma consolidação no ensino do espanhol como língua estrangeira no Brasil, é necessária uma política metodológica e pedagógica reflexiva. Possibilitando, portanto, uma discussão em relação à diversidade no espanhol no âmbito acadêmico, de forma inclusiva.

No próximo capítulo desse trabalho passaremos à descrição do *corpus* e os percursos metodológicos da presente pesquisa.

4 Metodologia

Buscando algum material que tratasse da variedade linguística do espanhol, encontramos um vídeo muito interessante, o qual utilizaremos como objeto de análise das variedades linguísticas. O vídeo se encontra disponível na internet. É uma produção dos irmãos Juan Andrés e Nicolás, componentes do grupo Le Luthier's e que têm um canal no YouTube (*Inténtalo Carito*) em que são postados vários vídeos. Juan Andrés nos fala que o nome do canal foi uma das tarefas mais difíceis, pois pensaram em vários nomes quando, por fim, acharam que era mais cômodo colocar o nome da música que fizeram, para o matrimônio de sua prima Carolina e que deu início ao projeto: *Inténtalo Carito*. Juan e Nicolás cantaram a

música que fizeram no casamento da prima Carolina, ademais eles ressaltam que algumas pessoas pediram para publicá-la nas redes sociais, fato que obteve muitos comentários para surpresa da dupla. Juan descreve o seguinte na sua página de internet:

Así que surgió la idea de seguir con el proyecto, era una manera divertida de pasar el rato y además podíamos hacer música juntos mi hermano y yo (al ser los dos pianistas y estar viviendo lejos esto es algo que no hemos podido hacer casi nunca en un escenario!). Sin embargo como yo andaba viviendo por el mundo y Nicolás estaba en Buenos Aires resultaba complicado juntarse a componer. (<http://intentalocarito.com/about/>).¹⁰

Um dos vídeos mais reconhecidos é o que aqui nos prestamos a analisar, “*Qué difícil es hablarse en español*”. Faremos a descrição de algumas palavras consideradas variantes linguísticas na língua espanhola, a fim de confrontar a canção com a lista de palavras encontradas com o ensino e suas dificuldades.

4.1 Um pouco sobre a história da música e a justificativa da escolha

Juan fala que em 2010 foi a Buenos Aires, ali passou alguns dias com seu irmão, fizeram uma canção, mas não chegaram a postar. Eles foram passear pelo Sul e, quando retornaram a Buenos Aires, Juan percebeu que tinham poucos dias para ficar ali, então começaram a compor “*Qué difícil es hablarse en español*”, letra que acharam bastante complicada para escrever por conta da falta de tempo e pela pressão em terminá-la a tempo de gravar um vídeo. Os dois irmãos já haviam memorizado a letra e estavam prontos para fazer a primeira gravação, no entanto algo arruinou o plano. Então, a gravação dessa música seria para outra ocasião, Juan continuou viajando e tocando com seus projetos. Enquanto Nicolás regressou a Bogotá depois de passar uma temporada na Argentina, eles se reencontraram no final de 2011, e resolveram tentar gravar o vídeo.

¹⁰ Tradução:

Assim surgiu a ideia de seguir com o projeto, era uma maneira divertida de passar o tempo além de fazer músicas juntos meu irmão e eu (por sermos dois pianistas e estar vivendo longe isso é algo que não podíamos fazer quase nunca num cenário). E também por eu estar sempre viajando pelo mundo e Nicolás estava em Buenos Aires era muito complicado nos juntar para compor algo. (Disponível em: <<http://intentalocarito.com/about/>>. Acesso em 19 jul. 2016).

Para melhor descrevermos o sucesso de Le Luthier's na canção *Qué difícil eshablarelepañol*, descrevemos algumas informações do Youtube que dizem a respeito à música¹¹ considerada na presente pesquisa:

Nº de visualizações: 2.083.221 visualizações

Inscritos no canal: 107.356 inscritos

Curtidas: 96.235 curtidas

“Descurtidas:” 1.037 “não gostei”

Comentários: 4.836 comentários

Publicado em 30 de dez de 2014

Desse modo, como pesquisadoras, quando nos deparamos com o título da música *Qué difícil eshablarelepañol*(ANEXO), ficamos curiosas em saber qual era a proposta dos músicos. Ao longo da letra percebemos que a temática da música estava de acordo com o que iríamos abordar nesse trabalho, pois a canção fala justamente das variedades existentes na língua espanhola. Os irmãos nos fazem refletir, com essa música, que o espanhol é, por ventura, uma língua muito heterogênea. Isso pode ser observado através das inúmeras descrições de palavras que apresentam diversidades linguísticas de um país para o outro, diferenças que se dão em níveis léxicos, semânticos, fonéticos.

Outro ponto que não podemos deixar de comentar é o humor presente na letra, expresso através de situações constrangedoras que “supostamente” os compositores passaram. Além da ótima *performance* musical, não é por acaso, que o canal *Inténtalo Carito* tem tantos acessos, pois Juan e Nicolás sabem trabalhar e aproveitar muito bem as infinitas possibilidades de diversidade.

5Análise

De acordo com os dados levantados no corpus dessa pesquisa, foi possível identificar uma gama de dezessete ocorrências de palavras mencionadas pelos autores musicais. Sabemos que são mais de vinte países que possuem o

¹¹ A letra da música “Qué difícil es hablar el español”, encontra-se no anexo A.

espanhol como língua oficial, no entanto, nessa análise estamos expondo apenas dezessete países, pois na música analisada os autores mencionam apenas estes.

Desse modo, partiremos para a análise, propriamente dita, do léxico aqui presente. Estabeleceremos, como parte constituinte de nossa organização, a menção das ocorrências em ordem numérica para que se procedam as discussões.

Então, em:

(01) *pana*

Verificamos no dicionário (wordreference, 2016)¹², que a definição para (01) *pana* é tela. Ao decorrer da música percebemos que essa palavra pode obter outros significados, por exemplo, em:

Argentina (01) (*pana*) pode designar tela.

Enquanto na Venezuela (01) (*pana*), pode significar amigo.

Então, tais variedades apontadas aqui podem ser de fator social. Essa variação se dá devido aos hábitos culturais de diferentes grupos de pessoas, pois cada grupo possui conhecimentos, comportamentos e modos de comunicação distintos. Essa variação é classificada por Bagno, como socioleto.

A sociolinguística Varacionista, introduzida por William Labov (1927), é uma vertente que busca analisar os fatores linguísticos em contexto social, levando em conta também outros fatores.

Dando sequência na análise constatamos a presença de outros termos que podem ser suscetíveis à variação social, vejamos:

(02) *porro*

A definição para (02) *porro* encontrada no dicionário é cigarrillo (wordreference, 2016). Mas, de acordo com a música esse mesmo vocábulo pode ser interpretado de maneiras distintas, como em:

¹²Disponível em: <<http://www.wordreference.com/>>., consultamos nesse dicionário online as definições dos termos usados.
Em alguns momentos nos permitimos, consultar site de usuários em que há discussão das palavras utilizadas.

Colômbia (02) (*porro*) pode significar um *ritmo musical*¹³.

Pode haver variação também em:

Argentina (02) (*porro*) pode ter a definição de *Cigarrillomarihuana*.

Há também:

(03) *chucha*

No dicionário, *chucha* é uma galbana. Os autores da música apresentam outras possibilidades de significação, por exemplo, em:

Colombia (03) (*chucha*), pode significar mal olor en las axilas.

Mais uma possibilidade de variação pode ser:

Chile (03) (*chucha*) cuando algo está muy lejos - “está a la chucha”.

Nesse sentido, tais variedades aqui encontradas podem ser de fator social, pois de acordo com Bagno (2007), a variação de caráter social (socioleto) refere-se à variedade específica de um grupo que partilha de um mesmo universo sociocultural, portanto são as formas da língua usadas pelos diferentes grupos sociais.

Outras expressões que estão suscetíveis à variedade linguística, mais precisamente a variedade regional são os vocábulo:

(04) *chivo*

No dicionário, *chivo* é a cria de la cabra. Mas essa variedade pode ter outro valor de sentido, em:

Uruguai (04) (*chivo*) pode significar mal olor de las axilas.

¹³Um gênero de “música tropical” de dança em 4/4 da região da costa atlântica (Caribenha) de Colômbia.

Partimos para análise de outra palavra encontrada na música:

(05) *chucho*

No dicionário encontramos a seguinte descrição para
05 *chucho*: Perro que no es de raza pura.

Na Argentina:

(05) (*chucho*), pode significar frío.

Enquanto no Chile:

(05) (*chucho*), pode ser entendido como cárcel.

Em Guatemala y em El Salvador:

(05) (*chucho*) aparece como perrito.

Já em Honduras

(05) (*chucho*) pode ser tacaño.

Outra contingência de variação se dar porque no México:

(05) (*chucho*) pode denotar alguien con el don de ser muy hábil.

Ronald Beline (2003) nos aponta que ao levar em conta o aspecto social, as variedades podem ser suscetíveis ao espaço, denominada de variação diatópica, às classes sociais concebidas como variação diastrática. Buscamos no dicionário as definições de *chivo*, percebemos que essa palavra pode apresentar distintos significados nos países hispano falante. A variedade desse termo pode estar relacionada quanto ao fator social quanto geográfico. Pode ser uma variação diatópica por conta das diferenças regionais ou variação diastrática devido o contato entre os grupos sociais.

Nessa situação (05), detectamos que tais variantes expostas aqui podem ser de fator geográfico, Bagno (2007) classifica essa variedade linguística de dialeto, ou seja, o uso da língua falada em determinado lugar. Percebemos que (05) *chucho* pode ter múltiplos significados nas regiões apontadas.

O vocábulo (06) *fresa*, conforme a música, também sofre com a questão da diversidade linguística.

No dicionário:

(06) *fresa* pode ser um fruto casi redondo de color rojo.

Na variedade linguística essa expressão pode ter o seguinte sentido:

México (06) (*fresa*) são: *personas que piensan que el mundo gira alrededor de ellas; que tiene dinero.*

Em Buenos Aires:

(06) (*fresa*)emprega-se o termo *frutilla*.

Nesse caso, tais variedades podem ser de fator regional, pois vemos que (06) *fresa* pode ser uma forma típica praticada por uma coletividade. Trata-se, portanto, de uma variação diatópica, pois tal expressão aqui apresentada pode contrair outras significações em certas localidades.

Para o vocábulo:

(07) *cheto*

No dicionário não encontramos uma definição genérica para esse vocábulo.

Na Argentina:

(07) (*cheto*) pode ser interpretado como classe de persona que ostenta riqueza; persona que tienedínero.

Em vista disso, podemos inferir que tal variante está em um nível social. Assim, é uma variante diastrática, já que tal expressão existe em decorrer da convivência entre os grupos sociais. Segundo a teoria de Bagno (2007), classifica-se esse tipo de diversidade linguística como socioleto, como não encontramos uma definição generalizado no dicionário (*wordreference*, 2016), deduzimos que (07) *cheto* seja um termo, uma gíria que distingue um grupo de falantes dos demais . Podendo estar relacionado com a faixa etária, o nível cultural, a posição econômica etc..

Em:

(08) *capullo*

No *wordreference* (2016):

(08) *capullo* pode ser definido como *flor que no ha acabado de abrirse; envoltura del gusano de seda o de larvas de otros insectos.*

Na diversidade linguística presente na língua espanhola encontramos outras palavras que podem ter seus respectivos significados em:

Argentina (08) (*capullo*) pode ser compreendido como Ternura, beleza, inteligencia.

Ao mesmo tempo essa expressão tem outra acepção em:

Espanha (08) (*capullo*) pode ser um insulto: *imbécil, tonto, persona de pocas luces.*

Dessa maneira, observamos que as variantes estão ligadas a um fator geográfico. Uma variante diatópica, concebida nos estudos de Bagno, como dialeto, pois o termo caracteriza o uso da língua falada em determinado lugar, nesse caso levando em consideração o aspecto semântico de (08) *capullo*.

Analisando mais dois vocábulos retirados da música, e estes são capazes de se enquadrar numa variante ligada ao fator social, vamos à análise:

(09) *jugo*

No dicionário (09) *jugo* pode ser definido como *líquido de substancias vegetales o animales*.

Ao mesmo tempo o vocábulo tem variação em:

Espanha (09) pode ser *líquido que sueltala carne*.

Observando:

(10) *zumo*, no *wordreference* (2016), pode ser definido como *líquido que se extrae de las frutas*.

Em Espanha, (10) pode ser considerado como: *jugo de frutas*.

Segundo Ronald Beline (2003), tais variações se dão ao levar em conta o aspecto social. Com isso, podemos observar que tais variantes estão em um nível social. Assim, tais termos (09) e (10) estão identificados como uma variante diastrática, já que essas expressões existem em decorrer da convivência entre os grupos sociais.

Também há variedade em:

(11) *polla*, sua significação no dicionário é *gallinajoven*;

Na diversidade da língua o vocábulo (11) *polla* pode significar:

No Chile (11) *polla*, pode ser *apuestacolectiva*.

Há outra variação do mesmo vocábulo (11) *polla*, em:

Espanha é conhecido como *pene*, *órgano genital masculino*.

Segundo Bagno, esse tipo de variação é considerado como diatópica, que representa o uso da língua falada em determinado lugar.

Outro termo retirado da música é:

(12) *pitillo*, tem por significado *cigarillo*.

Apresenta variação na Venezuela, em que:

(12) *pitillo* pode significar: *cilindro de plástico para tomar las bebidas*.

México:

(12) *pitillo* pode ser: *órgano sexual masculino*.

Ao mesmo tempo essa expressão tem outra acepção em:

Espanha:

(12) *pitillo* pode ser: *cigarillo*.

Com isso, tais variedades aqui encontradas podem ser de fator social, pois de acordo com Bagno (2007), a variação de caráter social (socioleto) refere-se à variedade específica de um grupo que partilha de um mesmo universo sociocultural.

Seguindo com a análise, apresentamos mais expressões que consideramos pertencentes à variação social:

(13) *pajita*

Não encontramos no dicionário uma definição para esse vocábulo.

Mas, (13) *pajita* é conhecido:

na Bolívia como: *cilindro de plástico para tomar las bebidas*.

Foi extraído também da música:

(14) *chaqueta* tem por significado no dicionário:

Prenda con manga, que se ajusta al cuerpo.

A mesma palavra apresenta variações em outros países, como:

Colômbia:

(14) *chaquetapode* ser: *especie de abrigo.*

Já no México, pode significar *masturbación.*

Segundo a teoria de Bagno (2007), classifica-se esse tipo de diversidade linguística como socioleto, como não encontramos uma definição generalizado no dicionário (*wordreference*, 2016), deduzimos que (13) *pajitaseja* um termo, uma gíria que distingue um grupo de falantes dos demais . Podendo estar relacionado com a faixa etária, o nível cultural, a posição econômica etc..

No caso de:

(15) *cachucha*, no *wordreference* (2016) tem por significado *gorra de visera.*

Tem variação em dois países, como:

Argentina (15) *cachucapode* ser: *vagina;*

Já na Colômbia o mesmo vocábulo pode ser: *gorra convisera.*

Ronald Beline (2003) nos aponta que ao levar em conta o aspecto social, as variedades podem ser suscetíveis ao espaço geográfico, denominada de variação diatópica.

O vocábulo (16) *fresco* e (17) *concha* conforme a música também sofrem com a questão da diversidade linguística.

No *wordreference*(2016):

(16) *fresco* é considerado *temperatura moderamentefría*

O mesmo vocábulo (16) *fresco* tem variação em:

Cuba (16) *fresco* pode ser: *irrespetuoso*.

Apresentando o último vocábulo encontrado na música, temos:

(17) *concha* que tem por significado: *cubierta que protege el cuerpo de los moluscos*

Possui variação em:

Colômbia:

(17) *concha* pode ser: *alguien descarado o alguien fresco*.

E em Andaluzia pode ser:

Materia dura para hacer peines, joyas.

Então, tais variedades apontadas aqui podem ser de fator social. Essas variações se dão devido aos hábitos culturais de diferentes grupos de pessoas, cada grupo possui conhecimentos, comportamentos e modos de comunicação distintos. Essa variação é classificada por Bagno (2007), como *socioleto*.

A sociolinguística Varacionista, introduzida por William Labov (1927), é uma vertente que busca analisar os fatores linguísticos em contexto social, levando em conta também outros fatores.

5.1 Levantamento dos termos considerados variantes linguísticas na língua espanhola

Para uma melhor visualização e observação dos fenômenos linguísticos que ocorrem nos vocábulos citados na música aqui analisada, fizemos um quadro, nele constam algumas informações que nos servirão de base para fazer o levantamento de dados. O esquema foi composto por 17 colunas, nelas colocamos as palavras apontadas na música que podem sofrer variação linguística. Descrevemos a definição generalizante dos vocábulos analisados através do dicionário (*wordreference* 2016), mencionando também os países citados pelos compositores e, ainda, apresentamos qual tipo de fenômeno da variação linguística ocorria em cada termo.

Quadro_1 – Levantamento das ocorrências na música

Numeración	Palabras	Variedades															
		Argentino	Colombiano	Venezolano	Chileno	Uruguayo	Salvadoren	Guatemalteco	Hondureño	Mexicano	Buenos Aires	Español	Boliviano	Criollo	Andino	Andino de Varadero	
(01)	Pana	Teta	Teta		Amigo												Social
(02)	Porro	Cigarrillo	Cigarrillo	Ritmo													Social
(03)	Chucha	Chuche		Mal olor em las axilas		Quando algo muy está lejos - está a la chucha											Social
(04)	Chucho	Chucha de la axila	Chucha de la axila			Mal olor de las axilas											Social Regional
(05)	Chucho	Flaco que no es puro	Pilo			Cécer		Petto	Petto	Tacaño	si alguien con el con de ser muy helado						Regional
(06)	Fresa	Flujo rojo de color rojo - manabazo									Personas que piensan que el mundo es alrededor de ellas - que tiene dinero	Pudita					Regional
(07)	Cheto		clase de persona que ostenta riqueza. Persona que tiene dinero														Social
(08)	Capullo	Flor que no se abroja de abroja, roja, toda	Temura, perlas									insulto. Imbecil, torpe, poca existencia					Regional
(09)	Jugo	Líquido de sustancias vegetales o animales										líquido que suelta carne					Social
(10)	Zumo	Líquido que se extrae de las frutas										jugo de frutas					Social
(11)	Polla	Gallina joven				Adiesta colectiva						Pera. Ojano genital masculino					Regional
(12)	Bajo	Cigarrillo		cilindro de plástico para tomar las bebidas							Ojano sexual masculino						Social
(13)	Bajo											cilindro de plástico para tomar las bebidas					Social
(14)	Chaqueta	Prenda con mangas que se ajuste al cuerpo		Espeque de abrigo								Masturbación					Social
(15)	Cachucha	Uterio de mujer	Vagina	parte con vagina													Regional Social
(16)	Fresco	Temperatura masculina															Social
(17)	Concha	Cuarenta que protege el cuerpo de las impurezas		alguien dedicando o alguien fresco													Social

Fonte: elaboração das autoras, baseado em (Les Luthiers, 2010).

6 Conclusão

Com os dados levantados no corpus dessa pesquisa, foi possível detectar uma série de dezessete ocorrências de palavras mencionadas pelos autores da música. Ao analisar as ocorrências desses vocábulos, foi presumível identificar o tipo de variação que ocorria. Observamos maior ocorrência da variação social em relação à variedade regional.

Das dezessete palavras analisadas, apuramos que onze delas são de caráter social, tais termos são: *pana*, *porro*, *chucha*, *cheto*, *jugo*, *zumo*, *pitillo*, *pajita*, *chaqueta*, *fresco* e *concha*. Esse fator se dá devido aos hábitos culturais de diferentes comunidades, portanto são formas da língua utilizadas pelos diferentes grupos sociais, podendo estar relacionados com a faixa etária, o nível cultural, a posição econômica etc..

O fenômeno da variação regional está presente nas seguintes expressões observadas: *chucho*, *fresa*, *capullo* e *polla*. Tal variedade é capaz de contrair outros significados dependendo da localidade. Contudo, são variedades adequadas ao contexto em que surgiram.

Há ainda vocábulos que podem ser considerados como uma variante regional e/ou social são elas: *chivoecachucha*. Podem ser de uma variação diatópica por conta das diferenças regionais ou variação diastrática devido o contato entre os grupos sociais.

Existem muitas outras variedades na língua espanhola, mas ao analisarmos a gama de palavras levantadas, há uma presença mais nítida de variedade diatópica e regional.

Questionamos, portanto, a concepção do espanhol como língua homogênea e pura. É de suma importância que o aluno passe a ter conhecimento do caso da variação, para que ele possa escolher qual variante usar em determinado contexto e seguindo essa linha de raciocínio o professor tem de ser capaz de criar estratégias a fim de garantir ao aluno a tomada de consciência e conhecimento da dimensão lexical da língua espanhola. Para isso, o docente deve buscar outros recursos e métodos.

Um bom recurso que o professor pode usar para trabalhar com a variedade linguística do espanhol é por meio de músicas. Desse modos, ele poderia, por exemplo, fazer uma “viagem musical” pelos países hispano falantes para conhecê-los linguisticamente e culturalmente. A rádio, os diálogos, as novelas, jornais são ótimas ferramentas discursivas podendo ser usadas no ensino/aprendizagem da língua espanhola.

Acreditamos, desse modo, que este trabalho possa contribuir para as reflexões sobre o ensino de língua espanhola em contexto brasileiro, bem como para a formação de professores de língua espanhola no país.

Referências

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V I. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ANDRADE NETA, Nair Floresta. Aprender españoles fácil porque hablo português: Ventajas y desventajas de los brasileños para aprender español. **Cuadernos Cervantes de la lengua española**. Año 6, n. 29, p. 46-56, 2000. Disponível em: < http://www.cuadernos cervantes.com/lc_portugues.html >. Acesso em: 7 abr. 2016.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola, 2007.

BELINE, Ronald. A variação linguística. IN: FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística**. Vol I. 2003. Disponível em: <www.livrosgratis.net>. (arquivo zip – formato pdf)

CAMARGO, Moacir Lopes de. **O ensino do espanhol no Brasil**: um pouco de sua história. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 139-149, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v43n1/a11v43n1.pdf>>. Acesso em 22out. 2016.

CHAGAS, Paulo. A mudança lingüística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística**. V. I Objetos teóricos. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2003. p. 141-163.

FERNÁNDEZ, Moreno Francisco. **Quéspañolenseñar**. Madrid: Arco Libros, 2000.

INTÉNTALO Carito. **Historia**. Disponível em: <<http://intentalocarito.com/about/>>. Acesso em 19 de jul.2016.

IRALA, V. B. **A opção da variedade de Espanhol por professores em serviço e pré-serviço**. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 7, n. 2, p. 99-120, jul./dez. 2004.

KULIKOWSKI, M. Z. M. La lengua española en Brasil: un futuro promissor. In: SEDYCIAS (org.). **O ensino do espanhol no Brasil**: passado, presente, futuro, São Paulo: Parábola, 2005, p. 45-52.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William (1972). **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. Padrões Sociolinguísticos. Tradução Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEI Nº 11.161, DE 5 DE AGOSTO DE 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.html>. Acesso em 11 de julho de 2016>.

LOPES, Célia. **História da língua e linguística histórica**. Disponível em<<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/Ling-hist%F3rica-2007.pdf>> Acesso em: 18 jun.2016.

MARRONE, Célia Siqueira de. **Português/español**: aspectos comparativos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PETER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz. (Orgs.). **Introdução à linguística**: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003. p.11-24.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. A língua como objeto da linguística. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução à linguística: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003. p.75-91.

SILVA e COSTEDO. **Ensino do espanhol no Brasil: o caso das variedades Lingüísticas**, 2008. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/145/164>>. Acesso em 11 jul. 2016.

SOUSA, R. M. A Sociolinguística na formação docente. In: FÉLIX, J. d'Arc B (Org.). **Aprendendo a aprender**. UniCEUB - Faculdade de Ciências da Educação- Guia de Formação para Professores das Séries Iniciais – Convênio com a Secretaria de Educação GDF, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

VIGUERA, Manuel Ariza. **Manual de fonología histórica del español**. Madrid: Editorial Síntesis, 1999.